

Acordos de Abraão: o pai de um Médio Oriente em paz?

The Abraham Accords: the father of a Middle East in peace?

Marta Pereira*

* Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Portugal; Email: mrfslpereira@gmail.com

RESUMO

Dado os Acordos de Abraão terem como cerne a normalização das relações com Israel em detrimento da denominada “Paz Árabe”, era expectável haver fortes reações por parte do Mundo Muçulmano. Todavia, estas foram inexistentes. Consequentemente, pergunta-se: o que torna os Acordos de Abraão um acontecimento único? Quais os pilares do Acordo celebrado entre Israel e os Emirados Árabes Unidos? Que consequências advieram? Pronuncia-se uma nova guerra fria? Como é que as potências exteriores reagiram aos Acordos? Para responder a estas perguntas, entre outras, a autora escreveu o seguinte ensaio, que é uma investigação exploratória-descritiva sobre um caso único, os Acordos de Abraão, estudados historicamente através da recolha de dados qualitativos.

Palavras-chave: Acordos de Abraão; Israel; Emirados Árabes Unidos

ABSTRACT

As the Abraham Accords had as their aim the normalization of the relations between Israel in the disadvantage of the so called “Arab Peace”, it was expected to hear strong reactions from the Muslim World. However, these were non-existent. Consequently, we ask: what makes the Abraham Accords a unique event? From which pillars the Accords were celebrated between Israel and the United Arab Emirates? What changed in the region? Is a Cold War nearer? How did the external powers react to the Accords? To answer these questions, in between others, the author wrote the following essay which is an exploratory-descriptive research about a unique case research, the Abraham Accords, studied historically through a qualitative data collective.

Keywords: Abraham Accords; Israel; United Arab Emirates

1. Introdução

In this spirit, we warmly welcome and are encouraged by the progress already made in establishing diplomatic relations between Israel and its neighbors in the region under the principles of the Abraham Accords. We are encouraged by the ongoing efforts to consolidate and expand such friendly relations based on shared interests and a shared commitment to a better future. (*The Abraham Accords*, 2020)

Com esta citação a finalizar o documento, os Acordos de Abraão foram assinados dia quinze de setembro de 2020. Os seus acordantes foram Benjamin Netanyahu, então Primeiro-Ministro de Israel, Abdullah bin Zayed Al Nahyan, Ministro dos Negócios Estrangeiros dos Emirados Árabes Unidos e por Abdullatif bin Rashid Al Zayani, Ministro dos Negócios Estrangeiros do Bahrain. Por sua vez, o mediador foi Donald Trump, então Presidente dos Estados Unidos da América.

Dado que os Acordos têm como cerne a normalização das relações com Israel em detrimento da denominada “Paz Árabe”, era espetável haver fortes reações por parte do Mundo Muçulmano. Todavia, foi surpreendente observar que o Mundo Árabe permaneceu calado. Inclusivamente, a Arábia Saudita, o Estado onde se encontram os dois lugares sagrados para os Muçulmanos, saudou os supracitados Acordos.

Tendo em vista esta diferença entre a expectativa e a realidade, a presente autora considerou interessante verificar através de uma investigação exploratória-descritiva como a literatura existente até ao momento de escrita retrata o caso único em estudo, sendo este os Acordos de Abraão. É de salientar que a literatura, portanto, relata o impacto dos Acordos no primeiro ano da sua assinatura.

Por se procurar compreender e interpretar as motivações e os comportamentos para as supracitadas relações, este ensaio é qualitativo. A abordagem metodológica será histórica, visto que se procura uma interpretação histórica através de um processo de análise sistemática para procurar continuidades ou ruturas históricas neste caso. Toda esta informação recolhida será tratada através da análise de discurso, procurando, através da compreensão do contexto histórico-social das relações, interpretar objetivos, motivações e perceções que estão subjacentes às suas ações.

Em termos de organização, este ensaio divide-se em sete perguntas: Como se caracterizavam as relações entre os Estados assinantes *a priori*? O que se pode referir relativamente aos Acordos de Abraão em si? Quais os pilares do Acordo celebrado entre Israel e os Emirados Árabes Unidos? Quais as consequências dos Acordos de Abraão? Que reações ocorreram aos Acordos? Qual o futuro dos Acordos de Abraão? Que balanço se pode realizar do primeiro ano dos Acordos de Abraão?

Na conclusão, procurar-se-á realizar uma síntese da literatura relativa a este tópico.

2. Como se caracterizavam as relações entre os Estados assinantes *a priori*?

No seu artigo que aprofunda estes Acordos, Dazi-Héni (2020) refere que Israel já possuía relações diretas com alguns membros do Conselho de Cooperação do Golfo (conhecido por CCG) por duas décadas. Inclusivamente pode-se referir que na sua capital já se encontram os escritórios tanto representativos de Omã como do Qatar.

Krieg (2020) e Abdulla (2021), todavia, referem que os Acordos foram a culminação de 15 anos de conversas tácitas, focadas em ameaças regionais e preocupações estratégicas. Contudo, de acordo com estes autores, a ligação entre Abu Dhabi e Jerusalém foi se desenvolvendo com vários fatores que foram surgir.

Desde 2009 que o relacionamento entre ambos os Estados foi se fortalecendo, tendo como objetivo pressionar os Estados Unidos a se tornarem mais agressivos na sua posição contra a República Islâmica. Além do Irão, ambos temem a Irmandade Muçulmana, que viram desenvolvida com a Primavera Árabe. Em 2015, Israel obteve representação formal na *International Renewable Energy Agency*, que tem sede em Abu Dhabi.

Além destes motivadores de política externa, existiam cerca de 3 000 judeus a viverem em Abu Dhabi e no Dubai, sendo que muitos possuíam dupla nacionalidade.

No entanto, o que distingue a normalização das relações entre o Estado Judeu e os EAU e o Bahrain é o facto de se ter ignorado a questão palestina.

Na realidade, Frisch (citado em Sorkin, 2021) refere que as populações estão cansadas de clamar por uma unidade pan-árabe, por uma unidade pan-islâmica e pelo califado, desejando melhor segurança social, maiores oportunidades económicas, boa educação, inovação, *rule of law* e igualdade perante a lei em casa.

Para Michael Stephens (citado em Sorkin, 2021) os Acordos de Abraão revelam que os assuntos de normalização com Israel e o assunto palestino podem ser separados politicamente e emocionalmente. Assim, terminou a rejeição ideológica de Israel deliberada na Declaração de Khartoum de 1967. Para Israel, por sua vez, cessou o poder do veto Palestino utilizado durante as liberações de paz.

Por outro lado, estes Estados concederam maior ênfase à sua segurança, que consideram prejudicada devido às ambições hegemónicas do Irão e da Turquia. Similarmente, tiveram em consideração que os Estados Unidos pudessem alterar a sua política externa em relação ao Médio Oriente com a administração Biden. Finalmente, consideraram outros interesses económicos e estratégicos.

3. O que se pode referir relativamente aos Acordos de Abraão em si?

Tanto Sorkin (2021), como Kihlberg (2021), nas suas dissertações referem que o especial nestes acordos é não serem tratados de paz. Se considerarmos os Tratados de Paz realizados entre Israel e o Egito e o Estado Judeu e a Jordânia, observamos que estes documentos são técnicos, delimitando os termos para terminar com a hostilidade e a guerra com precisão. De igual forma, a linguagem é sensível e conservadora. Igualmente se compreende que estes tratados, portanto, procuram iniciar os esforços de normalização.

Em contraste, como estes autores referem, os Acordos de Abraão revelam aspetos distintos, em especial o celebrado entre Israel e os Emirados Árabes Unidos (daqui adiante referenciados como EAU). Na realidade, estes dois Estados nunca se envolveram num conflito armado nem tiveram disputas territoriais. Além do mais, este documento revela explicitamente a formalização das relações entre os países. O Acordo não só enumera os benefícios da normalização oficial, como também revela perspectivas para tornarem o Médio Oriente uma região pacífica e próspera.

Segell (2021), ao analisar os Acordos de Abraão numa perspectiva Pan-Arabista de Nasser, observa que estes têm como objetivo principal a cooperação, a unidade e a solidariedade entre os estados Árabes, Africanos e, finalmente, Israel. Por conseguinte, entende que os Acordos são uma espécie de Pan-Arabilismo e Pan-Africanismo devido aos signatários. Na sua perspectiva, o Bahrain,

o Sudão e Marrocos foram direcionados pela liderança aparentemente hegemônica de EAU. Para este, são processos *top-down* iniciados por acordos realizados entre líderes. Contudo, somente haverá uma evolução interna e regional que conduza a uma mudança positiva se existir apoio popular ao movimento ideológico.

4. Quais os pilares do Acordo celebrado entre Israel e os Emirados Árabes Unidos?

Tendo ainda em conta a especificidade do Acordo celebrado com os EAU, Krieg (2020) e Abdulla (2021) entendem a existência de dois pilares no relacionamento entre esta monarquia do Golfo e o Estado Judeu.

De acordo com estes autores, existe um pilar pragmático, baseado nos interesses nacionais. O Presidente Mohammed Bin Zayed (daqui adiante mencionado como MBZ) deseja consolidar a segurança da sua família no poder bem como preservar a estabilidade económica e militar do seu país, diversificando-o da dependência do petróleo. Além do mais, a Monarquia do Golfo partilha das mesmas ameaças que Israel, sendo estas o terrorismo, as insurgências regionais e a ameaça iraniana. Este Presidente, na perspectiva destes autores, compreendeu que cinco guerras e setenta anos de boicote não enfraqueceram Israel; pelo contrário, fortaleceram-no e tornaram-no reconhecido por cento e sessenta e três estados. Por conseguinte, os Emirados entenderam que um relacionamento com Israel fortaleceria o relacionamento, por sua vez, com os Estados Unidos da América (daqui adiante referido como EUA), consolidaria a sua imagem como pacificador e poder emergente, fá-los-ia sentir mais seguros com um parceiro estratégico, dado que beneficiariam dos desenvolvimentos científicos e tecnológicos, bem como criariam um eixo contra o Irão.

Contudo, estes mesmos autores referem que existe um pilar ideológico. Este baseia-se no desejo por paz, por estabilidade regional e por uma alteração de mentalidades.

5. Quais as consequências geopolíticas e geoestratégicas dos Acordos de Abraão?

De acordo com Norlen e Sinai (2020), os Acordos de Abraão trouxeram vários benefícios para Israel e para os Emirados Árabes Unidos.

No primeiro ano da assinatura dos Acordos, os EAU e Israel trocaram embaixadores entre si, realizaram exercícios conjuntos e partilharam informações. Apesar das trocas comerciais entre os Emirados e Israel estarem a crescer, em especial nas áreas dos investimentos e no material para mitigação do corona-

vírus, as áreas tanto de análise como de ciber espionagem são onde as companhias israelitas concedem maior apoio.

Egel, Efron & Robinson (2021) referem que a relação económica bilateral entre Israel e os Emirados Árabes Unidos é, na realidade, o fundamento poderoso para os Acordos de Abraão. Ambos os países são desenvolvidos, possuidores não só de uma tecnologia sofisticada, como também de uma cultura de inovação e *startup*. Estes novos Acordos permitem que as economias estejam formalmente abertas às trocas comerciais entre si, sendo as barreiras tarifárias quase inexistentes.

Devido a estas características, que ambos os Estados possuem, Israel e os EAU ponderaram diversas colaborações, que Garson & Yachin (2021) enunciaram.

Primeiramente, é necessário considerar a fragilidade dos Emirados ao nível da produção agrícola, dado que importa 90% da comida. Tendo em vista não só o desejo de aumento de autossuficiência, como também de investir em agricultura sustentável, Israel poderá providenciar a tecnologia para tornar o deserto capaz de produzir bens agrícolas.

Ainda ao nível da sustentabilidade, ambos os países, de acordo com estes autores, desejam colaborar tecnologicamente na criação de energia renovável, na eficiência energética, na construção sustentável e na preservação ambiental.

Relativamente ao nível da saúde e ciber, os autores referem dois campos onde haverá colaboração entre os EAU e Israel. Em primeiro lugar, elaboraram-se acordos com centros médicos israelitas para haver uma colaboração regional ao nível da segurança da saúde. Em segundo lugar, dada a existência de “cidades inteligentes” nos Emirados, este Estado criou colaboração com Israel ao nível da ciber segurança

Por sua vez, Kram e Makovsky (2021), bem como Segell (2021), referem que o aprofundamento dos relacionamentos e, seguidamente, o alargamento dos Acordos de Abraão a outros países muçulmanos e árabes podem criar um Médio Oriente mais integrado, inclusivamente a nível económico. Para estes autores, uma arquitetura económica regional no Médio Oriente beneficiaria os povos da região e fortaleceria a competitividade económica global da região. Uma plataforma como esta permitiria o surgimento de uma verdadeira cooperação económica que, por sua vez, permitiria abordar desafios ambientais, económicos e sociais.

Para Norlen e Sinai (2020), o acordo simboliza uma alteração na geopolítica da segurança do Médio Oriente. Israel, com estes acordos, foi colocado no Golfo Pérsico, mais perto da Arábia Saudita. A normalização com o Bahrain também lhe concedeu uma porta aberta a Riade, dado a proximidade e dependência deste Estado para com a Monarquia Saudita. Solidificou-se, assim, a balança de

poder a seu favor, dada a maior capacidade de receber informações e de haver maior colaboração. De igual forma, Israel alargou o seu mercado de venda de armas, de produtos de defesa e de segurança. Para os EAU, o maior ganho foi poder não ser mais prejudicado na compra de armas aos EUA devido ao *qualitative militar edge* de Israel. Além do mais, poderia colaborar na partilha de tecnologia com Israel.

Para os Estados Unidos da América, a aliança entre Israel, EAU e Bahrain é a criação de um arco de resistência contra o Irão. Nesse sentido de criação de arcos de resistência, Guney e Korkmaz (citados em Kihlberg, 2021) referem que as maiores consequências dos Acordos de Abraão na segurança e na balança de poder na região consistem na formação de eixos de alianças no Médio Oriente. Assim sendo, os Acordos de Abraão seriam o terceiro eixo liderado pelos Estados Unidos da América. Consequentemente, pode estar a surgir uma nova guerra fria. Norlen e Sinai (2020), todavia, apresentam três cenários que podem surgir com os Acordos de Abraão.

O primeiro, que denominam de “O Bom”, tem como principal acontecimento o surgimento de um efeito dominó, que encorajaria outros regimes árabes a procurarem uma cooperação bilateral como consequência da sua normalização com Israel. Desta forma, criar-se-ia um Novo Médio Oriente. Se os Estados Unidos da América, por sua vez, procurassem ter um papel como mediador diplomático, poderiam remover o dilema de segurança e a consequente escalada de forças ao dialogarem com o Irão e a Turquia. Assim, reduzir-se-iam as tensões e acabar-se-ia com o uso de *proxies* nos conflitos regionais. Perante esta nova atmosfera na região, os Palestínios sentir-se-iam encorajados a elegerem uma liderança pragmática. A existência de um relacionamento próximo com Israel permitiria aos novos aliados árabes pressionarem a liderança israelita a trabalhar de forma justa e procurarem uma solução legítima para o problema Palestínio. Estas duas alterações ao nível das políticas internas poderiam permitir o surgimento de uma solução biestadual.

O segundo cenário, denominado de “O Mau”, teria como ponto de partida a solidificação do *status quo*. Israel surgiria como um Estado poderoso e bem colocado devido aos seus benefícios económicos e de segurança. Por sua vez, os Palestínios, maiores em número demográfico, ao verem que a sua situação não estava a ser resolvida, ficariam frustrados, irritados e recorreriam à violência. Por sua vez, os Estados Unidos da América, com intenções e envolvimento ambíguos, poderiam tornar-se mais confrontacionais para com o Irão. O Irão, desestabilizado, juntamente com a Turquia, aumentaria o seu apoio a *proxies*. O aumento das tensões e das fricções concederiam, por conseguinte, uma maior influência à China e à Rússia, que poderiam ponderar uma intervenção na região.

O último cenário apresentado por estes autores, chamado de “O Feio”, consistiria numa mudança na balança regional de poder a favor dos EAU. Estes, com o apoio de Israel e com o seu sistema antimísseis, levariam avante uma operação contra o Irão. Este regime islâmico aumentariam os seus esforços contra Israel, podendo tornar-se totalmente nuclear. Os regimes conservadores, conseqüentemente, seriam contestados pelas populações e, em caso de quebra, tornar-se-iam totalmente contra os EUA e o Estado Judeu.

6. Que reações ocorreram à celebração destes Acordos?

6.1 Ao nível dos palestinianos

Tartir (2020), um académico Palestino, observa os Acordos de Abraão não como um acordo de paz histórico, mas como

a set of economic and diplomatic arrangements between a number of regional actors in response to a mutual interest. On the other hand, they are an expression of the formation of an alliance to face what is perceived as a common threat.

Portanto, para os Palestinos, os Acordos de Abraão são um conjunto de acordos restritos cujo objetivo é alcançar benefícios de interesse mútuo a todos os envolvidos e reagir contra uma denominada ameaça comum. Ou seja, os Acordos são feitos não para servir o povo, mas sim para servir a classe governadora dos respetivos países.

Para este académico, várias são as evidências que comprovam a sua tese. Primeiramente, nenhum dos Estados muçulmanos envolvidos, os EAU, Bahrein, Marrocos e Sudão, envolveram-se na normalização de relações de Israel após pedir a resolução do assunto Palestino. Para Tartir, tal é uma violação do denominado “consenso árabe”, o que fragmenta o mundo muçulmano.

Em segundo lugar, apesar de Abu Dhabi ter referido que havia travado a aneção da Cisjordânia, a realidade é que esse plano, por parte de Israel, permanece. Este politólogo refere que, a 14 de setembro de 2020, o governo israelita aprovou a construção de milhares de novas unidades de colonatos. Por conseguinte, esta nova aliança acabou por fortalecer e dar poder à liderança israelita e aos colonizadores.

De seguida, Tartir refere que o seu povo pode seguir dois caminhos distintos. Por um lado, pode ver o seu futuro menos esperançoso. Por outro lado, dado que o que os Palestinos desejam são planos de ação claros, operacionais e tangíveis, pode eleger uma liderança que leve a cabo o seu processo de reforma do projeto de independência nacional.

Outro académico, chamado Bayrak (2021), analisa a forma de agir dos EUA, de Israel e dos EAU na realização destes Acordos, tendo em vista uma prospetiva de plano de paz na Palestina. Este autor compreende que, apesar do conflito palestino ter dominado a política externa do Golfo por muitos anos, supõe-se que as nações desejam priorizar os seus próprios interesses.

Na perspetiva dos Estados Unidos da América, compreende-se que estes desejam formar uma coligação regional com Israel e nações Árabes que sejam suas aliadas. Com esta coligação, pretendem criar uma balança de poder que prejudique os objetivos de política externa do Irão bem como os da China, dado que os interesses destes dois Estados danam os interesses ocidentais.

Apreende-se que, nos Acordos de Abraão, não houve nenhuma menção à solução biestadual. Assim, Israel saiu fortalecido, tendo em conta que os Emirados, inclusivamente, já abriram a sua embaixada não em Telavive, mas em Jerusalém.

Apesar de tudo, este autor critica de uma forma mais acutilante a posição dos EAU. Na sua perspetiva, se este Estado tivesse escolhido usar o apoio à causa Palestiniana para seu benefício, poderia usar este assunto para se tornar um ator mais predominante na região. Ao insistir nos direitos do povo Palestino, poderia cooperar em assuntos como a economia, o comércio e a ciência, permanecendo com relações diplomáticas pacíficas. Adicionalmente, poderia estar presente nas mesas das negociações com outros governos, procurando resolver esta problemática no Médio Oriente.

Portanto, Bayrak refere que se podem aprender quatro lições fundamentais com os Acordos de Abraão na procura da paz com os Palestinos. A primeira consiste em ir à raiz do problema. Por terem falhado com estes Acordos, por não terem promovido a paz relativamente aos Palestinos, podem surgir novas crises. Nestas, será necessário criar uma mesa de diálogo entre Israel e a Autoridade Palestiniana, insistindo na procura de um acordo entre estes.

A lição número dois revela a importância de haver uma procura por uma solução durável para os 7 milhões de refugiados Palestinos. É de salientar que os EAU não abrem as suas portas para este povo, não lhes concedendo nem proteção nem empregos. Assim, os Acordos violam o Direito Internacional. Consequentemente, podem surgir maiores violações, dado que não existe responsabilização.

Em terceiro lugar, é de esperar que os Palestinos recorram à violência. Para se prevenir estes atos, é necessário criar um ambiente equitativo e justo para ambas as nações.

Finalmente, Bayrak relembra que o público árabe nunca consentiu na normalização das relações com Israel. Consequentemente, podem surgir revoluções devido à ignorância da opinião pública, que favorece o povo Palestino.

Em síntese, para se promover a paz com os Palestinos é necessário não só haver responsabilização pelos atos cometidos, como ouvir a perspectiva palestina e a opinião pública árabe, criando-se um ambiente de diálogo.

6.2 Ao nível das potências exteriores

No Médio Oriente, apoiantes e antagonistas veem os Acordos de Abraão como um desenvolvimento significativo que altera as regras do relacionamento entre árabes e israelitas.

Na realidade, tem-se verificado um fortalecimento dos relacionamentos com o Egito e a Jordânia e até, se calhar, com a Autoridade Palestina.

O encontro de Bennett no Egito representou o desejo de ir além do que foi realizado em 1979. Neste acontecimento, os Egípcios içaram a bandeira israelita, enunciaram o encontro na televisão egípcia, bem como retomaram os voos entre Telavive e Cairo. Entende-se, portanto, o desejo de ter um relacionamento forte com Israel, com o contributo dos Acordos de Abraão.

No entanto, ainda alguns novos países normalizaram as relações com Israel. O Sudão assinou os Acordos em outubro de 2020, após os Estados Unidos concordarem em retirar o país da lista de recetores de organizações terroristas. Marrocos assinou os Acordos em dezembro do mesmo ano, após os Estados Unidos reconhecerem a soberania desta monarquia sobre o Sahara Ocidental. Finalmente, o Butão, país que não se relaciona nem com os Estados Unidos nem com a China, normalizou as relações com Israel no mesmo mês e ano que Marrocos.

Entre os Estados Árabes, o que se considera que pode normalizar em breve é o Omã. Este país, na realidade, já recebeu o Primeiro-Ministro Israelita em 2018. Contudo, dado que se encontra numa crise de saúde e económica, bem como por ser o mediador entre os EUA e Irão, considera improvável alinhar-se brevemente, com receio de haver o acréscimo de uma crise social.

Quanto ao Qatar, este país não considera a manutenção de relações com Israel como um problema. Contudo, tornou-se o novo inimigo dos EAU e da Arábia Saudita por se ter aliado à Turquia. Assim, vê-se impossibilitado de entrar nos Acordos.

Relativamente ao Kuwait, este país, apesar de ser um regime semidemocrático, resiste à pressão americana de se aliar aos Acordos. Tal se deve por parte da sua população ser palestina. Assim, com a entrada nos Acordos, poderiam surgir distúrbios no seu meio.

No entanto, a maioria dos académicos, como os cabeça de Estado, desejam que a Arábia Saudita seja o próximo país a normalizar as suas relações com Israel. Dazi-Héni (2020), contudo, refere duas razões pelas quais a Monarquia Saudita não tomou nenhuma decisão. Primeiramente, enuncia que o Rei Salman deseja a paz em troca dos territórios ocupados por Israel em 1967, como a Iniciativa para a Paz Árabe refere. Em segundo lugar, o Rei e o Príncipe Herdeiro estão em desacordo relativamente à normalização das relações. Na realidade, o Príncipe Herdeiro Saudita deseja a paz com Israel para beneficiar da cooperação económica e tecnológica. Além do mais, teme perder a liderança regional para os EAU.

Contudo, na Europa, o Acordo é menosprezado, sendo visto como um golpe para apoiar os interesses eleitorais de Benjamin Netanyahu e Donald Trump. Também na Europa, os Acordos são vistos como uma mera formalização das relações que já existiam secretamente (Murciano, 2020).

Por sua vez, a China recebeu os Acordos de Abraão de forma positiva, como um passo significativo para a paz e estabilidade regionais. Fan Hongdan, académico (como citado por Gering, 2020), refere:

after years of tribulation, the people's desire for peace in the Middle East is far greater than that of their peers in stable regions... Indeed, Middle Eastern leaders who depend on confrontational rhetoric are increasingly losing their base.

Ainda de acordo com este politólogo, deveria ser dada à normalização mais reconhecimento e valor, uma vez que é um requisito objetivo e um caminho inevitável no Médio Oriente. Quanto ao assunto palestino, este considera que os tempos mudaram, não sendo mais um pré-requisito para a paz.

O antigo embaixador chinês Iran Hua Liming refere que a reconciliação entre Israel e os Estados Árabes é um objetivo de longo prazo da China para o Médio Oriente. Todavia, o diplomata refere que estes desenvolvimentos podem ser uma forma oculta de os Estados Unidos criarem uma aliança anti-iraniana. Portanto, podem prejudicar ainda mais a estabilidade da região, aumentando o número de fações rivais para uma nova Guerra Fria.

O académico Jin Liangxiang, do Instituto de Xangai para Estudos Internacionais, enfatizou que a normalização prejudica não só a tentativa de estabelecimento de um Estado Palestino soberano como também para a estabilidade regional. Refere, igualmente, que esta normalização põe em causa a iniciativa russa de julho de 2019, que procurava estabelecer um mecanismo de segurança regional na região do Golfo.

No entanto, os relacionamentos entre Israel, os Emirados Árabes Unidos e a China têm se desenvolvido. Alter & Janardhan (2021) referem que tanto os EAU

como Israel realizaram um acordo para cooperar na pesquisa sobre o COVID19 e também para desenvolver uma nova tecnologia de testagem. O poder tecnológico israelita pode ser aplicado a dois acordos de inteligência artificial entre os EAU e a China. A potência asiática pode, igualmente, colaborar em campos tecnológicos e de ciber segurança com os EAU e Israel. Compreende-se que Pequim pode estar interessado em explorar as oportunidades em caso de vendas de armas com os EAU e Israel.

Relativamente à Índia, tanto as relações com os EAU floresceram nas últimas duas décadas como os laços estratégicos com Israel. Na realidade, Nova Deli e Jerusalém realizaram um acordo de combate a ameaças cibernéticas durante a pandemia de COVID19. De igual forma, os EAU e Israel desenvolveram acordos com a Índia para se realizar uma cooperação em segurança e informações contra o terrorismo.

7. Qual o futuro dos Acordos de Abraão?

Al Nahyan & Lapin (2021) relembram que o objetivo final dos Acordos de Abraão sempre foi se expandirem por toda a região. Na realidade, na Declaração dos supracitados Acordos, está escrito “We are encouraged by the ongoing efforts to consolidate and expand such friendly relations based on shared interests and a shared commitment to a better future.” (*The Abraham Accords*, 2020).

Todavia, os Acordos de Abraão não criaram rápidas normalizações em toda a região. Assim, os autores supracitados procuraram entender como é que Israel e os Emirados poderiam pavimentar o caminho para a paz, colaborando entre si.

A primeira sugestão que os autores mencionaram foi que os benefícios da normalização deveriam ser abrangidos a todos os que normalizaram as relações com Israel. Tanto os Emirados como Israel, países cujas economias são reconhecidas pela inovação, podem ajudar a procurar criar uma maior integração regional. Tal pode ocorrer através da criação de novas instituições que facilitem o comércio. De igual forma, podem ajudar no desenvolvimento da saúde pública.

No caso da Autoridade Palestiniana, aponta-se para o facto de esta ter-se sentido traída pelos Acordos. Por conseguinte, encontra-se a tentar melhorar o relacionamento com Israel.

Na perspetiva de Al Nahyan & Lapin, melhorar as condições para os palestinianos são do interesse de todos. A normalização das relações pode ajudar no facilitamento de investimento e do comércio não só do povo Palestino, como do Mundo Árabe.

Pelo que se entende, para haver mais acordos de normalização de relações entre Israel e os países muçulmanos, os Estados Unidos terão de oferecer incen-

tivos a esses países candidatos. Tal se relaciona com uma última sugestão de Al Nahyan & Lapin. De acordo com estes académicos, os envolvimento europeu e americano são essenciais na normalização de relações. Os apoios políticos, financeiros e técnicos ajudarão os Acordos a atingirem o seu máximo potencial. Nesta abordagem, a Ministra do Interior, Ayelet Shaked, referiu:

There's a lot of potential, but a lot is dependent on the influence of the [Biden] administration. In the end, these countries make peace, not only because they have an interest in making peace with Israel, but also because they have an interest [vis a vis] the US. (como citada em Magid, 2021).

Conquanto, para alargar os Acordos de Abraão a outros países muçulmanos e árabes, Kram & Makovsky (2021) aconselham o aprofundamento com Estados cujos relacionamentos já se encontram normalizados com Israel. De acordo com estes autores, poder-se-ia criar um Médio Oriente mais integrado, até economicamente.

Apesar dos grandes aumentos em termos de economia nas trocas comerciais entre Israel, os Emirados Árabes Unidos, o Bahrein, a Jordânia e o Egipto, o Médio Oriente tem as percentagens mais baixas. em termos de comércio intrarregional.

A falta de integração económica significa que ainda existem regimes regulatórios distintos, o que impede a coordenação regional para a resolução de desafios comuns, entre os quais se situam a crise de COVID19 e as alterações climáticas. Estas divisões têm restringido cronicamente o crescimento económico e o investimento direto estrangeiro na região.

Sem uma arquitetura que sustente a criação de diálogos regulares que promovam a cooperação intergovernamental, os Acordos de Abraão nunca atingirão o seu potencial máximo.

Egel, Efron & Robinson (2021) referem que os Acordos de Abraão podem providenciar a criação de 150 mil novos empregos. Todavia, se estes se expandissem a mais dez países árabes, poder-se-iam criar 4 milhões de novos empregos.

Possibilitar-se-ia, assim, a criação de uma área de comércio livre, que promoveria as integrações comerciais e económicas, o desenvolvimento equitativo e a estabilidade regional, o que, por sua vez, diminuiria as condições para conflito.

De igual forma, esta arquitetura económica regional, nas palavras de Kram & Makovsky, possibilitariam o estabelecimento no Médio Oriente de processos que apoiariam os governos, os líderes de negócios, as universidades e os grupos da sociedade civil a se juntarem numa agenda económica. Esta, por sua vez, beneficiaria os povos da região e fortaleceria a competitividade económica glo-

bal do Médio Oriente. Uma plataforma como esta permitiria o surgimento de uma verdadeira cooperação económica que, por sua vez, permitiria abordar os diversos desafios tanto ao nível do ambiente, como da economia e da sociedade.

8. Que balanço se pode realizar do primeiro ano dos Acordos de Abraão?

Tanto Tharoor (2021) como Kampeas (2021) realizaram um balanço dos Acordos de Abraão na celebração do seu primeiro ano de existência. De acordo com estes autores, o grau do bom funcionamento dos Acordos varia de Estado para Estado.

Relativamente ao acordo com os EAU, entende-se que este é o mais bem-sucedido, dado que trocaram embaixadores oficiais. De igual forma, assemelha-se a que os acordos comerciais se encontram a prosperar. Na realidade, encontram-se a criar uma parceria de extração de gás natural em Israel. Também se salienta as visitas regulares de israelitas aos EAU, existindo já, inclusivamente, restaurantes *kusher* no Dubai.

Todavia, ocorreu uma maior tensão entre ambos, dadas as ações militares israelitas realizadas contra os Palestínianos. Este país condenou Israel por ter permitido a entrada de militares dentro da Mesquita de *al-Aqsa* e de ter obrigado os Palestínianos a se retirarem de *Sheikh Jarrah*.

Quanto ao Bahrein, o Ministro do Comércio deste país formalizou as relações comerciais dois meses após os Acordos. Apesar do Bahrein ser representado por um embaixador em Israel, ainda não se estabeleceu uma embaixada.

A ex-embaixadora do Bahrein Houda Nonoo em Washington D.C. referiu

As we embark on a new era in the Bahrain–Israel relationship, it is important to remember that at the core of this agreement is the desire to create a new Middle East, one built on peace and prosperity for all. I believe that the growing partnerships between Bahrain and Israel will lead to sustainable peace in the region. (Embaixadora do Bahrain em Washington D.C. Houda Nonoo, 2021, citada por Kampeas, 2021).

Relativamente a Marrocos, apesar de as relações com Israel terem existido por décadas, tendo havido inclusivamente conselheiros reais judeus, a maioria da população é pró-Palestíniana. A motivação da celebração dos Acordos, de acordo com ministro dos Negócios Estrangeiros Yair Lapid, foi um benefício para ambos os povos do turismo, da economia, do comércio, das trocas culturais, da amizade e da cooperação.

David Pollock, investigador no *Washington Institute for Near East Policy*, referiu que a normalização das relações com Israel beneficiará grandemente o Sudão na cooperação técnica em diferentes áreas, como a água, a agricultura e a energia.

No que concerne o envolvimento americano, Vakil (2021) critica o Presidente Biden. O Presidente vigente tem observado os Acordos de Abraão como um assunto partidário, focando-se, portanto, em assuntos internos bem como assuntos sensíveis da região, como a reabilitação do *Joint Comprehensive Plan of Action*, a guerra do Iémen e a retirada do Afeganistão. Todavia, os Acordos são de natureza trilateral, envolvendo toda a região. Estes auxiliam a definir os interesses da região e de Washington eficazmente. De igual forma, beneficiam o estabelecimento de laços regionais e o uso do *soft power*.

9. Conclusão

Com este ensaio, compreende-se que os Acordos de Abraão não são tratados de paz, dado que nenhum dos Estados envolvidos tinha estado num conflito armado nem em disputas territoriais. A inovação dos Acordos de Abraão, pelo exposto, consiste na formalização das relações entre os países, bem como na enumeração de perspectivas para tornar o Médio Oriente numa região pacífica e próspera. No entanto, são processos iniciados pelos governantes políticos, não sabendo se existe apoio popular para o movimento ideológico.

Pela literatura acima mencionada, entende-se que os Acordos de Abraão surgiram devido a alterações ao nível da conjuntura geopolítica e geoestratégica. Como o Presidente MBZ percebeu, Israel, para os países do Médio Oriente, é um ator precioso ao nível do desenvolvimento científico e tecnológico, ao nível do armamento de defesa e de segurança, assim como ao nível da troca de informações. Numa conjuntura de fortalecimento do Irão, de maior propagação de filiais à Irmandade Muçulmana e de um desejo por parte das populações de melhores condições de vida, um acordo com Israel tornou-se apelativo.

Com esta normalização de relações, vários benefícios surgiram para os Estados envolvidos. Israel viu-se colocado no Golfo Pérsico. Os Emirados, por sua vez, já não são prejudicados pelo *qualitative militar edge*. Por conseguinte, encontram-se a ganhar um maior poder militar. Além do mais, ambos os países em estudo consideram diversas colaborações ao nível da tecnologia e da sustentabilidade, as quais podem colocá-los como potências regionais.

Todavia, a paz com os Palestínios não foi procurada. Na realidade, a colocação desta questão de parte não só pode ter dividido o mundo árabe, como pode ter exacerbado a frustração e irritação deste povo, levando-os a recorrer mais à violência.

Na perspectiva do Médio Oriente, a maioria dos Estados entendem os Acordos de Abraão como um desenvolvimento significativo que altera as regras do relacionamento entre árabes e israelitas.

Todavia, potências exteriores que condenam os Acordos, por sua vez, consideram-nos prejudiciais por três razões. Primeiramente, muitas potências, como a Europa, menosprezam-nos por os considerarem uma mera formalização das relações secretas. Outras, por outro lado, condenam a normalização das relações por prejudicarem a tentativa de estabelecimento de um Estado Palestino soberano.

A terceira forma de condenação consiste no facto de observarem os Acordos de Abraão como a criação de uma monopolização da conectividade no Médio Oriente por parte dos Estados Unidos da América, preparando-se um eixo de resistência ao Irão. Assim, pode estar a surgir uma nova guerra fria.

No entanto, algumas potências exteriores observam a normalização das relações entre os Emirados Árabes Unidos e Israel com agrado. A China entende que estes acordos podem proporcionar uma maior facilidade na dinamização do comércio com o Médio Oriente, área do mundo vital para a sua *Rota de Seda*. A Índia também congratulou a normalização, dado que podem colaborar ainda mais ao nível da segurança e do contra terrorismo.

Contudo, o que se deseja saber é: *Será que os Acordos de Abraão se vão expandir?* Tem-se verificado um fortalecimento dos relacionamentos com países que já tinham realizado acordos de paz com Israel, nomeadamente a Jordânia e o Egito. Apesar do Omã, do Qatar e da Arábia Saudita terem saudado os Acordos, o empecilho à normalização é sempre o mesmo: o problema Palestino.

Todavia, os académicos concedem sugestões aos próximos Estados Árabes que busquem a normalização das relações com o Estado Judeu. Uma forma de alavancar a sua posição ao nível regional e internacional será procurar criar o diálogo entre as duas fações, de forma a criarem uma solução, em troca da normalização das relações com Israel.

No entanto, a Ministra do Interior israelita Ayelet Shaked concorda com a sugestão de Al Nahyan & Lapin: para a expansão dos Acordos de Abraão ocorrer, é necessário haver apoio político, financeiro e técnico da parte do Ocidente.

Na realidade, a normalização das relações entre Israel e os Estados Árabes poderia beneficiar o Médio Oriente. A diminuição das tarifas alfandegárias e a maior troca de comércio poderia levar a uma maior integração económica o que, por sua vez, permitiria uma maior prosperidade nesta região, diminuindo as condições para o conflito. Assim, a expansão dos Acordos de Abraão seriam um benefício não somente para um grupo restrito, mas para toda a região.

Data de receção: 04/03/2022
Data de aprovação: 14/07/2022

Referências

- Abdulla, A. (2021, agosto 12). The two pillars of the Abraham Accords. *Middle East Institute*. <https://www.mei.edu/publications/two-pillars-abraham-accords>
- Agence France-Presse. (2020, dezembro 12). Israel establishes ‘formal diplomatic relations’ with Bhutan. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/world/2020/dec/12/israel-establishes-formal-diplomatic-relations-with-bhutan>
- Al Nahyan, A.b.Z. & Lapin, Y. (2021, setembro 15). The Abraham Accords are a catalyst for wider change in the Middle East. *Financial Times*. <https://www.ft.com/content/a4126178-92b5-4dcb-8093-4eb5448c68c4>
- Alter, E.C.F. & Janardhan, N. (2021). The Abraham Accords: Exploring the Scope for Plurilateral Collaboration among Asia’s Strategic Partners. *Israel Journal of Foreign Affairs*, 15(1), 41-52. <https://doi.org/10.1080/23739770.2021.1894792>
- Bayrak, P. (2021). Abraham Accords: Palestine issue should be addressed for a peaceful Middle East. *Cappadocia Journal of Area Studies*, 3(1), 104-115. <http://dx.doi.org/10.38154/cjas.4>
- Dazi-Héni, F. (2020, novembro 6). The Gulf States and Israel after the Abraham Accords. *Arab Reform Initiative*. <https://www.arab-reform.net/publication/the-gulf-states-and-israel-after-the-abraham-accords/>
- Egel, D., Efron, S. & Robinson, L. (2021). Peace Dividend: Widening the Economic Growth and Development Benefits of the Abraham Accords. *Rand Corporation*. <https://www.rand.org/pubs/perspectives/PEA1149-1.html>
- Garson, M. & Yachin, M. (2021, setembro 20). How the Abraham Accords Are Shaping a New Technological Covenant. *Tony Blair Institute for Global Change*. <https://institute.global/policy/how-abraham-accords-are-shaping-new-technological-covenant>
- Gering, T. (2020, outubro 20). China’s View of the Abraham Accords. *The Jerusalem Institute for Strategy and Security*. <https://jiss.org.il/en/gering-chinas-view-of-the-abraham-accords/>
- Guzansky, Y. & Marshall, Z. A. (2020). The Abraham Accords: Immediate Significance and Long-Term Implications. *Israel Journal of Foreign Affairs*, 14(3), 379-389. <https://doi.org/10.1080/23739770.2020.1831861>
- Hansler, J. (2020, outubro 23). Trump announces that Israel and Sudan have agreed to normalize relations. *CNN*. <https://edition.cnn.com/2020/10/23/politics/trump-sudan-israel/index.html>
- Kampeas, R. (2021, agosto 17). One year on, here’s how the Abraham Accords are holding up. *The Times of Israel*. <https://www.timesofisrael.com/one-year-on-heres-how-abraham-accords-agreements-are-holding-up/>
- Kaye, D. D. (2021, outubro 29). Why the Abraham Accords Won’t Bring Israeli-Palestinian Peace. *Foreign Policy*. <https://foreignpolicy.com/2021/10/29/why-the-abraham-accords-wont-bring-israeli-palestinian-peace/>
- Kihlberg, W. (2021). *Abrahamic brothers - for better and for worse? A qualitative study of the ideas in the Abraham accords*. [Independent project, Orebro University]. <https://5dok.org/document/wq2pr16y-abrahamic-brothers-better-worse-qualitative-study-abraham-accords.html>

- Koplow, M. J. (2021, setembro 15). The Abraham Accords are spurring more normalization, but not where you're looking. *Israel Policy Forum*. <https://israel-policyforum.org/2021/09/15/the-abraham-accords-is-spurring-more-normalization-but-not-where-youre-looking/>
- Kram, J. & Makovsky, D. (2021, outubro 3). Think Regionally: A US Role for Deepening the Abraham Accords. *The Washington Institute for Near East Policy*. <https://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/think-regionally-us-role-deepening-abraham-accords>
- Krieg, A. (2020, julho 7). The UAE and Israel: More than a marriage of convenience. *Middle East Eye*. <https://www.middleeasteye.net/opinion/uae-israel-ties-more-marriage-convenience>
- Magid, J. (2021, novembro 19). Shaked: Bringing more countries into Abraham Accords will require US incentives. *The Times of Israel*. <https://www.timesofisrael.com/shaked-bringing-more-countries-into-abraham-accords-will-require-us-incentives/>
- Mezran, K. & Pavia, A. (2021, outubro 7). Morocco and Israel are friendlier than ever thanks to the Abraham Accords. But what does this mean for the rest of North Africa? *Atlantic Council*. <https://www.atlanticcouncil.org/blogs/menasource/morocco-and-israel-are-friendlier-than-ever-thanks-to-the-abraham-accords-but-what-does-this-mean-for-the-rest-of-north-africa/>
- Murciano, G. (2020, outubro 8). The Abraham Accords: An invitation to rethink the Arab-Israeli conflict. *German Institute for International and Security Affairs*. <https://www.swp-berlin.org/en/publication/the-abraham-accords-an-invitation-to-rethink-the-arab-israeli-conflict>
- Norlen, T. & Sinai, T. (2020). The Abraham Accords: Paradigm Shift or Realpolitik? *Security Insights*, 64. ISSN 1867-4119.
- Perper, R. (2020, novembro 30). The Arab World Reacts to The Abraham Accords. *The Chicago Council on Global Affairs*. <https://www.thechicagocouncil.org/commentary-and-analysis/blogs/arab-world-reacts-abraham-accords>
- Segell, G. (2021). Revisiting Nasser Style Pan-Arabism and Pan-Africanism Prompted by the Abraham Accords. *Insight on Africa*, 1(16). DOI: 10.1177/09750878211048161
- Sorkin, E. (2021). *The Abraham Accords: The culmination of a decades-long normalization process between Israel and the UAE*. [Undergraduate dissertation, Boston University.] OpenBU. <https://hdl.handle.net/2144/42494>
- Tartir, A. (2020, outubro 14). *Discord Around the Abraham Accords*. Institut Montaigne. <https://www.institutmontaigne.org/en/blog/discord-around-abraham-accords>
- Tharoor, I. (2021, maio 11). The Abraham Accords have already become a Middle East afterthought. *The Washington Post*. <https://www.washingtonpost.com/world/2021/05/12/israel-palestinians-abraham-accords/>
- The Abraham Accords*. EUA - IL - EAU - BH. Setembro 15, 2020. <https://www.state.gov/the-abraham-accords/>
- Vakil, S. (2021, setembro 15). The Abraham Accords one year on: A missed opportunity for Biden? *Chatham House, The Royal Institute of International Affairs*.

<https://www.chathamhouse.org/2021/09/abraham-accords-one-year-missed-opportunity-biden>

Sobre a autora

MARTA PEREIRA é doutoranda em Relações Internacionais no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa. Tem o grau de Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, tendo se especializado no relacionamento entre Israel, a Arábia Saudita e os Estados Unidos da América. Os seus interesses são, portanto, o Médio Oriente, mais especificamente Israel e o relacionamento com os países do Golfo Pérsico.

[ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-8603-134X>]

About the author

MARTA PEREIRA is a PhD student in International Relations at the Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas of the Universidade de Lisboa. She has her Master's Degree in Political Science and International Relations from the Faculdade de Ciências Sociais e Humanas of the Universidade Nova de Lisboa. For such she specialized in the relationship between Israel, Saudi Arabia and the United States of America. Therefore, her interests lay in the Middle East, more specifically in Israel and its relationship with the countries of the Persian Gulf.

[ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-8603-134X>]